

ESTUDO DAS CERÂMICAS AZULEJARES EXUMADAS DA PRAÇA DA REPÚBLICA DAS CALDAS DA RAINHA, LEIRIA (PORTUGAL)

Alexandra Figueredo*
Cláudio Monteiro**

Resumo: Este estudo focado na literatura infantil, nas relações de gênero e na teoria do imaginário tem por objetivo compreender como se constrói o imaginário da beleza infantil a partir de cinco contos de fada, cuja personagem principal é a princesa. A partir da teoria do imaginário desenvolvida por Durand e por pressupostos das relações de gênero analisaram-se de que forma os mitos da beleza feminina e do estereótipo de submissão do feminino se perpetuam estes conceitos na sociedade. Como metodologia de trabalho foi eleita a metodologia, forma de investigação científica desenvolvida por Durand a partir do escopo teórico da teoria do imaginário. Recortou-se dos contos de fadas a personagem feminina (princesa) e a partir de sua caracterização foram feitas as análises. As análises expressam que o modelo de beleza principesca é reatualizado, comprovando o mito da permanente busca pelo ideal do belo.

Palavras-chave: Gênero. Literatura Infantil. Contos de Fada.

Abstract: This study focused on children's literature, in gender relations and imaginary theory aims to understand how to build the imaginary child beauty from five fairy tales whose main character is Princess. From the imaginary theory developed by Durand and assumptions of gender relations analyzed how the myth of female beauty and female submission stereotype perpetuated these concepts in society. As a working methodology was voted methodology, scientific research form developed by Durand from imaginary theory of theoretical scope. Cropped up fairy tales the female character (Princess) and from its characterization analyzes were made. Analyses express the princely beauty model is reviving, proving the permanent myth search for the ideal of beauty.

Keywords: Gender. Children's Literature. Fairy Tales.

* Instituto Politécnico de Tomar, Portugal;
Centro de Geociências, FCT.
Email: alexfiga@ipt.pt

** CAAPortugal, ONG.

Email: claudio.monteiro.cr@gmail.com

DOI: 10.19177/memorare.v4e32017182-208



REVISTA
MEMORARE

UNISUL
www.portaldeperiodicos.unisul.br
ISSN 2358-0593

Revista Memorare, Tubarão, v. 4, n. 3 esp. dossiê Marcas da Memória: direitos humanos, justiça de transição e anistia, p. 182-208 set./dez. 2017. ISSN: 2358-0593

1. Introdução

A Praça da República, localizada no centro da cidade das Caldas da Rainha, foi, ao longo do tempo, alvo de inúmeras intervenções e manutenções, quer pela natural degradação das estruturas, espaços e percurso histórico, quer pelas constantes obras associadas ao desenvolvimento urbano.

Os vestígios azulejares foram recuperados aquando da realização de duas, das sete sondagens previstas, como ação preventiva no âmbito de trabalhos de minimização de impactes durante as obras de Regeneração Urbana no Centro Histórico das Caldas da Rainha, Leiria (Portugal).

A localização destas sondagens teve em conta, entre outros critérios, a existência de documentos que referiam a presença de uma antiga capela, destruída no século XIX e existente desde o Séc. XVI. As investigações documentais apontavam a sua presença sobre a zona norte do atual tabuleiro. Os mapas recolhidos, para além dos dados descritivos registados em várias obras foram fontes importantes para a compreensão e definição da zona prevista.

A história aponta o ano de 1485, para fundação do Hospital Termal (Gomes, 1994), mandado construir por D. Leonor. Esta construção que teve por base as qualidades das águas que aqui se registravam, levou à construção de outras infra-estruturas de apoio (Duarte, 2008) de forma a permitir a vivência e apoio à fixação de população. Assim, como centro da vila foi inaugurada a Praça, em 1590, e construída a referida Capela, designada de N^a Sr.^a do Rosário (S. Paulo, 1967), tendo sido elevada, posteriormente, a Igreja Matriz da Vila (*Idem*, 1967). De acordo com os dados obtidos esta capela foi alvo de demolição em 1835, altura das obras de regeneração urbana do Rossio. A localização da capela teve em conta o mapa de 1742 (ilustração 1), atribuída ao arquiteto João Pedro Ludovice, a planta de Joaquim Laureano de Sousa, datada de 1786 (ilustração 2), podendo observar-se em escala as dimensões da mesma (nave com 17 por 8,5 metros e abside com 6 metros de diâmetro na capela-mor), bem como uma outra planta anónima de 1797 (retirada dos manuscritos anónimos das *Notícias interessantes da Real Vila das Caldas com alguns mapas curiosos nos anos 1797 e 1798*).



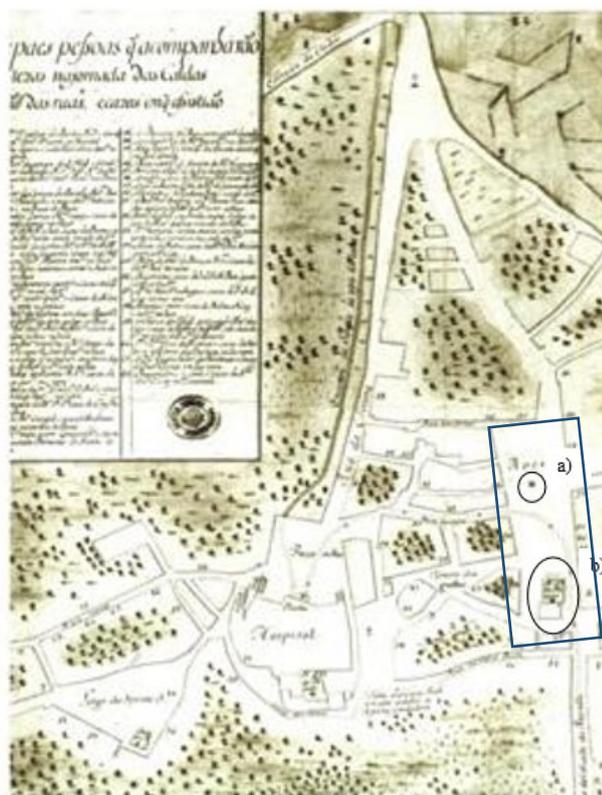


Ilustração 1 - Mapa de 1742, atribuído ao arquiteto João Pedro Ludovice. A) Localização do pelourinho já desaparecido. B) Localização da capela. O quadrado representa o espaço ocupado pela atual Praça.



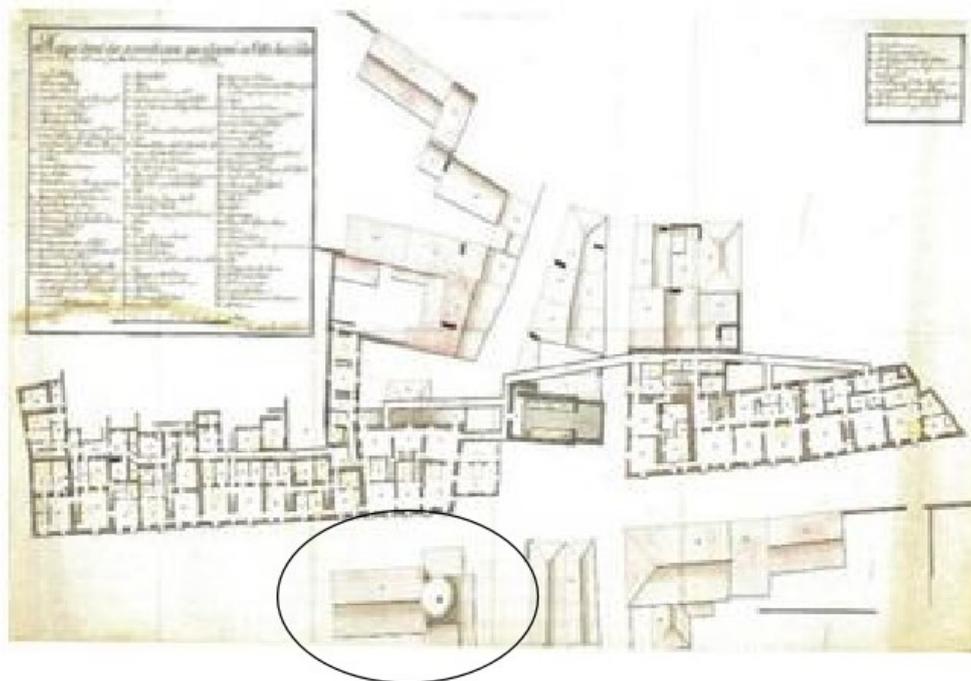


Ilustração 2 - Mapa geral da vila das Caldas, onde apresenta a Praça, ano de 1786. - MNAA, cópia do P.H. Joaquim Laureano de Sousa.

Também é importante registrar que a rua que acede do Largo do Conselheiro José Filipe e termina no topo da Praça da República tem a designação de "Rua do Rosário", nome ainda hoje utilizado e que coincide com o nome da Capela de N^a Sr.^a do Rosário.

Desta forma considerou-se em planta municipal a possível localização da capela e do pelourinho tendo-se proposto as sondagens registadas (Ilustração 3).





Ilustração 3 – Mapa municipal com as áreas a vermelho consideradas com maior impacto arqueológico, nomeadamente: a área mais a sul apresenta a possível localização que foi apontada para a antiga capela e, a zona a vermelho, mais a norte, a zona da localização do antigo pelourinho, já desaparecido.

Atendendo à matéria que se pretende tratar neste artigo iremos debruçar-nos sobre as sondagens 2 e 3 e suas interpretações, realizadas no centro da praça a norte, considerando que os vestígios em questão só foram exumados destes dois locais.

1. Processo de escavação e recuperação dos materiais

Não nos querendo estender neste ponto apontaremos, de forma resumida, a metodologia adotada durante as escavações que permitiram recuperar os vestígios azulejares. É importante reforçar o entendimento de que as opções consideradas tiveram em conta o tempo disponível e as limitações registadas, normalmente associadas ao desempenho e adaptação a um trabalho de obra empresarial.

Assim, a zona das sondagens foi marcada topograficamente na calçada, tendo após esta marcação prévia sido realizado o levantamento manual dos diferentes



elementos para aproveitamento e restauro posterior das estruturas existentes na zona do tabuleiro. Este levantamento foi circunscrito com pelo menos mais 50cm para cada um dos lados da marcação das sondagens a realizar.

Após este primeiro processo desenvolveu-se a escavação da primeira camada de modo mecânico, descendo acauteladamente com o auxílio de uma pá, que foi removendo a camada por estratos horizontais até cerca de 15 a 20 cm de profundidade. As escavações das camadas seguintes sucederam-se de forma manual, delimitando as diferentes unidades estratigráficas registadas.

No caso de deteção de vestígios histórico-arqueológicos, a área foi limpa e devidamente interpretada. Ao verificar-se revolvida, como ocorreu em todo os estratos, os vestígios observados foram recolhidos para sacos plásticos devidamente etiquetados, separando-os por tipo, mas sem coordenação precisa, obtendo-se somente a sua relação à unidade estratigráfica e ao quadrante respetivo. Após a escavação, até ao limite da previsão da interferência, tal como tinha sido proposto e obrigado pela Direção – Geral do Património do Cultural - DGPC, realizou-se a planta do local, o registo fotográfico, desenho e leitura dos perfis. Quando nas sondagens se registaram vestígios osteológicos ou outros elementos histórico-arqueológicos, estes foram devidamente analisados, no sentido de serem percecionadas as suas posições contextuais. Observou-se que em todas as situações os vestígios osteológicos se encontravam revoltos em sedimentos, associados a descarte de fragmentos de azulejos e materiais construtivos, bem como a materiais relativamente recentes (plásticos). Não foram registadas estruturas da arquitetura da antiga capela.

No que diz respeito ao processo de acondicionamento até ao local de laboratório, os vestígios osteológicos foram colocados em caixas de plástico e sacos, com as respetivas informações de proveniência, para uma melhor conservação dos mesmos. Os vestígios cerâmicos foram depositados em sacos plásticos etiquetados e os fragmentos de azulejos acondicionados em caixas de plástico com as frentes protegidas, para o seu devido transporte. Os objetos em metal recolhidos foram postos em caixinhas individuais de papelão, acondicionados em algodão e devidamente etiquetados. As sondagens foram fechadas com geotêxtil, ao qual se sobrepôs areia de vala até ao nível do tabuleiro.



Desta forma, associados aos vestígios azulejares foram recolhidos alguns elementos osteológicos, três moedas e materiais de adorno em cobre, alguns fragmentos cerâmicos dos últimos dois séculos, revolvidos e misturados com materiais de cronologia do século XIX e XX, incluindo plásticos, fruto das diferentes investidas e alterações registadas no decurso das contínuas reformas ocorridas na praça da cidade.

1.1.Sondagem 2

A sondagem foi realizada na extremidade norte do tabuleiro da Praça da República, no sentido de identificar a possível presença da antiga Capela da Nossa Senhora do Rosário demolida no Século XIX. Abriu-se uma vala de secção quadrangular de 3 metros por 3 metros, tal como previsto em projeto cujo seu eixo central coincide com o eixo longitudinal do tabuleiro, posicionado junto à extremidade noroeste.

A vala foi aberta até à cota de 1m de profundidade.

Registraram-se vestígios arqueológicos na camada (F) revolvidos em terra de entulho (ilustração 4). Verificou-se ainda a presença de camadas de enchimento para a colocação da calçada e valas de colocação de cabos elétricos e postes de iluminação.

Após o levantamento de calçada registrou-se uma camada de terra de entulho (F), com fragmentos de construção, cerâmicos e azulejos, revolvidos juntamente com vestígios osteológicos. Nesta mesma camada recuperou-se um fragmento de prato de cavalinho e um bocal de cachimbo em plástico. Este estrato encontra-se sobreposto a outro composto por areia consolidada de cor amarelada que se prolonga após os 50cm. Este nível não possui qualquer vestígio arqueológico.

Atravessando estas camadas regista-se uma unidade estratigráfica de enchimento de vala (S) realizada para assentamento de um dos candeeiros atualmente existente na praça e uma camada de terra acastanhada (C) que se prolonga a uma profundidade superior a 1m realizada para a passagem de um cabo de telecomunicações (ilustração 4). Sobre este registamos uma conduta de tijolo de burro de proteção ao cabo.

Na camada (S) registrou-se de forma revolvida alguns vestígios osteológicos. Atravessam a camada L, F e S vários cabos elétricos.



Em resumo: Para além de alguns fragmentos cerâmicos de azulejaria, olaria e vestígios osteológicos integrados em terra de revolvimento, camada F, não foram encontrados mais vestígios arqueológicos. A presença de um fragmento de prato de cavalinho verde e de um bocal de cachimbo de plástico da camada F aponta para uma cronologia nos finais do séc. XIX e inícios do séc. XX ou posterior. O prato de cavalinho tem uma cronologia de fabrico de 1886-1894 (datação relativa de acordo com a representação observada), pertencente à Real Fábrica de Sacavém a laborar desde 1865 (Assunção A. et alli, 1997). O bocal de plástico é um material difundido após os inícios de séc. XX em Portugal. Para o entendimento de relação entre as unidades estratigráficas foi desenvolvido a matriz de Harris (ilustração 5).

Levantamento gráfico:



Ilustração 4 – Planta e perfis da sondagem. Símbolos e interpretação dos resultados: A – Calçada; C – Vala de cabos elétricos; F – Terra de entulho – vestígios osteológicos e fragmentos de azulejos e material de construção; L – Areia consolidada; M – Tubo de Ferro; N, O, P – Cabos elétricos; R – Conduta de tijoleira para revestimento de cabos de telecomunicações; S – Vala do candeeiro de iluminação.

Diagrama Estratigráfico:



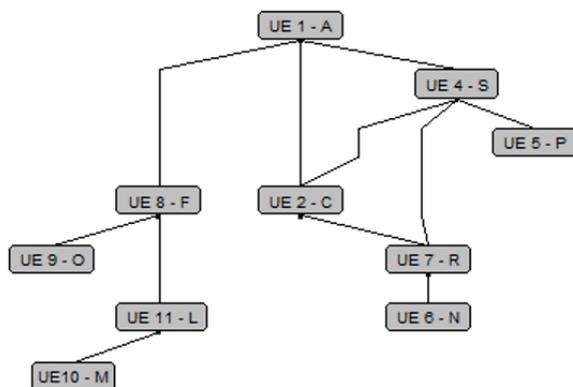


Ilustração 5 - Diagrama Estratigráfico – Matriz Harris sondagem 2.

1.2. Sondagem 3

A sondagem 3 foi aberta numa secção retangular, abrangendo a totalidade da largura do tabuleiro com um comprimento de 16,40m por 3m de largura, à cota média de um metro de profundidade. Na zona norte o corte alargou-se a 3,40m.

Foram apontados vários níveis estratigráficos correspondentes a valas de enchimento de canalizações sanitárias e outras de colocação de postes de iluminação (D) e instalações elétricas (C).

Destaca-se o aparecimento de vestígios arqueológicos, nomeadamente fragmentos cerâmicos de azulejaria e olaria, bem como vestígios osteológicos descontextualizados, encontrados também, como na sondagem 2, numa camada de revolvimento.

Após o levantamento da calçada registrou-se uma camada de terra de nivelamento e enchimento em areia bastante suja (F).

Seguiu-se uma camada de areia consolidada amarela (L) (ilustração 6).

Na zona nordeste da sondagem verificamos uma camada de sedimento de terra escura (E) com a presença de fragmentos de azulejo, olaria e material de construção, completamente revolvida e circunscrita à dispersão verificada em planta na letra E.

Atravessa a camada F, E e L uma camada de enchimento de areia fina acinzentada, que consideramos ser da construção e assentamento de um antigo banco de



jardim. Este estrato integra a unidade estratigráfica G, um bloco de cimento que possui na própria argamassa elementos integrados da calçada.

No centro da sondagem percebe-se um nível de enchimento de terra de entulho, onde também se observam vestígios osteológicos e fragmentos de azulejos, que serviu para a colocação da conduta e do cabo elétrico. A camada I é um estrato de entulho com cerâmica, sem presença de vestígios osteológicos.

Do lado sudoeste da sondagem registramos junto ao corte uma fina camada de entulho designada de J e K.

Resumo: Toda a área de implantação do tabuleiro foi alvo de grandes intervenções, sendo visível a presença de várias bolsas estratigráficas dispersas, identificadas pelas letras (B, C, D, E, H, I, J e K), sendo que a (C e D) são valas de implantação de iluminação, a (B) enchimento com areia fina acinzentada, onde se destaca um aglomerado de cimento com calçada incrustada identificado pela letra (G), a (H) é uma bolsa de enchimento de areia, a (I) uma bolsa de enchimento com entulho cerâmico de tijolo, a (J) uma camada muito fina negra, provavelmente com depósito de matéria orgânica e a (K) um nível de entulho cerâmico de tijolo.

Destaca-se a camada (E) por ser a camada onde se identificaram os vestígios arqueológicos. Trata-se de uma camada de sedimento de granulometria variada, com coloração acastanhada, onde observou-se a presença de materiais de construção, nomeadamente fragmentos cerâmicos de azulejaria pertencentes à antiga capela, bem como vestígios osteológicos dispersos. Esta foi interpretada como sendo aparentemente uma camada de depósito colocada durante uma intervenção anterior de regularização do pavimento. Deste nível exumamos ainda três moedas em cobre, completamente cobertas de concreção e um pequeno fragmento indeterminado, também em cobre. Para o entendimento de relação entre as unidades estratigráficas foi desenvolvido a matriz de Harris (ilustração 7).



Levantamento gráfico:

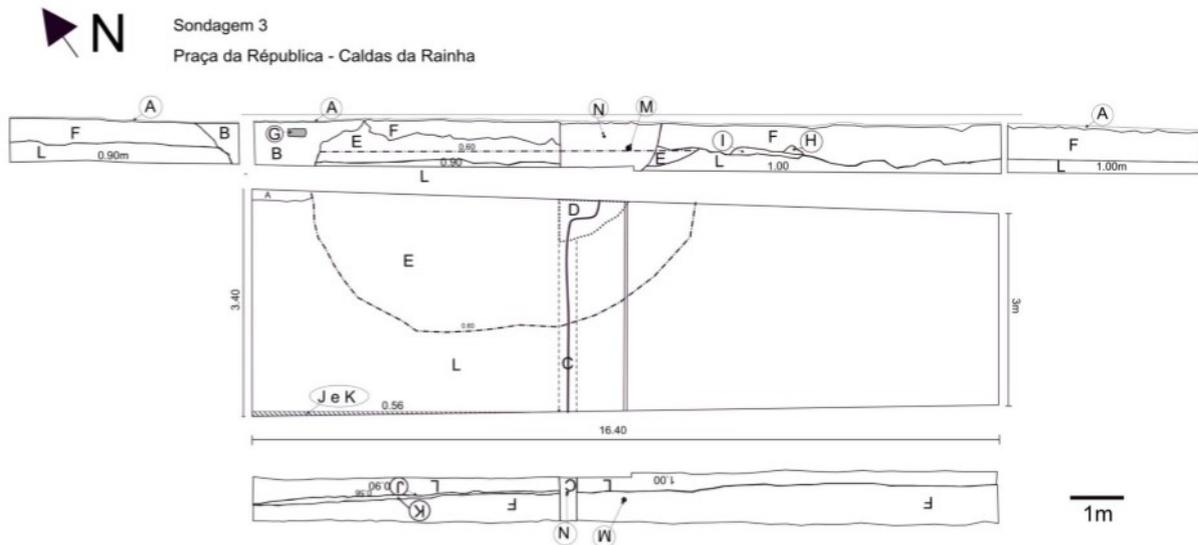


Ilustração 6 - Planta e perfis da sondagem. Símbolos e interpretação dos resultados: A – Calçada; B – Areia fina acinzentada; C – Vala de cabos elétricos; D – Vala do candeeiro de iluminação; E – Terra de entulho com presença de vestígios arqueológicos; F – Areia de assentamento e nivelamento da calçada; G – Bloco de cimento com incrustações de calçada; H – Pequena bolsa de enchimento; I – Entulho cerâmico de enchimento; J – Camada negra muito fina; K – Camada de entulho cerâmico de enchimento; L – Areia consolidada; M – Tubo de Ferro; N – Cabo elétrico

Diagrama Estratigráfico:

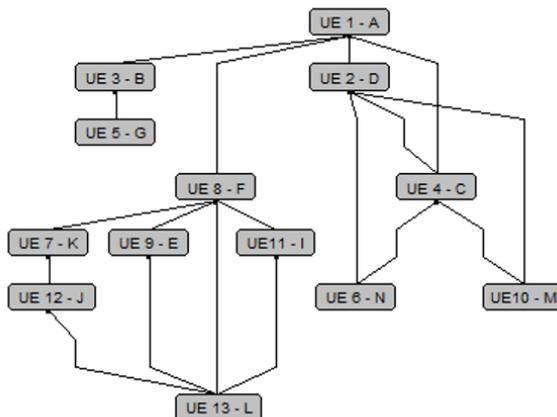


Ilustração 7 - Diagrama Estratigráfico – Matriz Harris sondagem 3.



2. Metodologia na análise dos materiais

De forma relativamente resumida apresenta-se a metodologia desenvolvida no âmbito da conservação para a limpeza, inventário e estudo das cerâmicas azulejares exumadas.

As cerâmicas azulejares são compostas por elementos todos eles fragmentados, compondo um conjunto de 435 objetos.

Os azulejos foram limpos em laboratório com água corrente, para remover os detritos de argamassa que impediam uma boa visualização da decoração do azulejo. No caso dos azulejos onde as argamassas apresentavam ainda um grau elevado de aderência, foram submetidos a uma limpeza química por imersão em ácido hidroclorídrico a 10% e depois enxaguados em água da torneira, para remoção total das argamassas e do ácido.

Os azulejos foram etiquetados e inventariados com a marcação da seguinte referência alfanumérica – nº inventário *CRPR000*, denominando o local arqueológico CR – Caldas da Rainha e PR – Praça da República, sendo as marcações efetuadas com caneta de álcool nos cantos dos fragmentos. Optou-se por marcar no vidro, sendo que a marca pode ser facilmente removida com álcool e em caso de exposição pode ser remarcada no tardo do objeto.

O uso da bibliografia disponível foi indispensável para o termo de comparação e datação dos materiais, bem como a sua identificação e catalogação.

3 Parâmetros e resultados

As cerâmicas azulejares foram analisadas segundo as dimensões da chacota, o tipo de pastas e o tipo de decoração.

Desta forma foi possível identificar um número mínimo de painéis azulejares presentes, a sua tipologia e decoração, bem como a sua datação relativa.

Dos diferentes elementos que nos chegaram apontamos por analogias figurativas e análise da técnica e pasta de suporte (chacota) a presença de pelo menos 8 painéis distintos.



Ao todo foram contabilizados 435 fragmentos, sendo que, 393 fragmentos pertencem a painéis figurativos com cenas e episódios religiosos. Na análise de todos os elementos figurativos, técnica gráfica e de fabrico consideramos existirem pelo menos quatro painéis distintos.

Devido à elevada fragmentação dos azulejos, não foi possível reconstruir os painéis no sentido de tentar identificar os temas ou episódios pintados.

Os outros 42 fragmentos restantes são de painéis com padrões enxaquetados, em tons bicolores, de azul e branco e branco e azul, *Ferroneries* e remates de painéis. Foi possível reconstruirmos alguns dos padrões dos tipos enxaquetados e *Ferroneries*.

Analisando o gráfico seguinte é possível verificar que em termos percentuais, o painel 4 poderia ser o de maior dimensão, seguido pelo painel, 6, 5 e 7, se considerarmos uma percepção equitativa da recuperação destes vestígios.

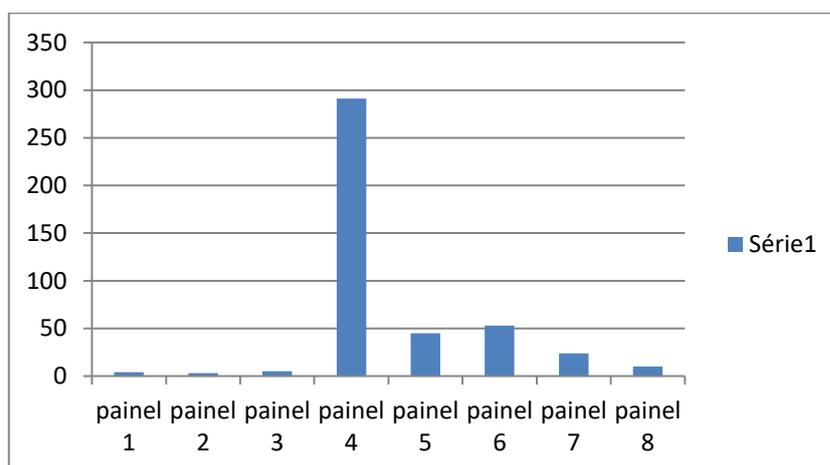


Gráfico 1 – Gráfico quantitativo dos fragmentos de azulejo encontrados organizados por Painel. Neste gráfico é possível perceber que a maioria dos fragmentos pertence aparentemente a um único Painel figurativo.

Neste gráfico é possível perceber que a maioria dos fragmentos pertence aparentemente a um único painel figurativo, uma vez que para além da tipologia e dimensão da chacota, a técnica de pintura e a temática se enquadram num único tipo.

Podemos, contudo, levantar a hipótese de estarmos perante mais do que um painel, no que se refere ao painel 4, com o mesmo tipo de chacota, provavelmente proveniente da mesma fábrica. Em alguns fragmentos é possível verificar uma diferente

marcação, típica da organização dos azulejos, realizada pelos artesãos para auxílio da sua montagem, que vem corroborar esta possibilidade, o que a ser considerado estaríamos perante pelo menos 9 painéis, 5 deles figurativos.

3.1 Painel 1

Azulejo retangular de decoração simples em vidrado azul, pintado em chacota de 15mm de espessura. Elemento pertencente a painel do tipo enxaquetado geométrico em branco e azul, onde o azulejo central quadrado é branco (imagem 1).

Este azulejo, representado por 3 fragmentos, apresenta as dimensões de 13.5cm x 4.5cm, marcando o padrão total uma dimensão relativa de 18cm por 18cm. No entanto, a dimensão de 13.5cm de comprimento pode também indicar um padrão enxaquetado mais complexo, ainda assim, não existem elementos suficientes para se apurar o tipo de enxaquetado.

Este tipo de azulejo pode ser também designado de Azulejos de Caixilho (Correia, V. 1930).



Imagem 1 - À esquerda, o azulejo de padrão enxaquetado e à direita o possível modelo de Painel enxaquetado.

Azulejos com este padrão são relativamente comuns, integrando o patrimônio azulejar de diversas igrejas, a exemplo tem-se o mesmo padrão na capela-mor da capela de Santo António no Alqueidão, em Tomar; na Igreja de Santa Maria de Marvila, em Santarém, de 1617; na Igreja de Jesus, em Setúbal, dos finais do século XVI; o Lavabo e Ante-Capela dos Mártires; a Capela de São Pedro, em Torres Vedras (Gomes, J. 2011, pp. 49); na Casa do Capítulo, de Santa Cruz de Coimbra, em Coimbra (idem, 2011, pp. 59), entre outros.



3.1 Painel 2

Azulejo retangular de decoração simples em vidroado branco, pintado sobre chacota de 15mm de espessura e com 3.5cm de largura.

O fato de a largura do azulejo ser de 3.5cm indica um elemento que pode pertencer a um painel enxaquetado geométrico simples em branco e azul onde o azulejo central quadrado seria azul (imagem 2).



Imagem 2 – À esquerda, o azulejo de padrão enxaquetado e á direita o possível modelo de painel enxaquetado.

Estes tipos de padrões são normalmente registrado em zonas de passagem, tipo claustros, escadarias ou capela-mor das igrejas ou conventos. A exemplo poderemos referir o Portal da Capela dos Mártires (Gomes, J. 2011).

É importante ainda referir a possibilidade do painel 1 e 2 serem um único painel compósito como se regista em algumas situações. Considerando a presença de ambos os enxaquetamentos no mesmo espaço acreditamos que possam corresponder a um painel compósito, como por exemplo o



Ilustração 8 – Imagem dos azulejos



verificado no Refeitório do Mosteiro de Santa Cruz. O *Inventário Artístico de Coimbra* (Correia et al. 1947) refere que estes azulejos foram ali colocados entre 1630/33.

3.2 Painel 3

Azulejo pintado em azul sobre branco, com chacota de 15mm de espessura. Apresenta elementos florais. Possui uma técnica apurada e limpa, com desenho bem definido e delimitado com contorno.

A imagem 3 é um exemplo claro da técnica existente, registra um motivo floral, em tons de azul e branco, com três pétalas associado a uma folha, em tons de azul com três veios.

Neste grupo apenas foram perceptíveis motivos florais não existindo indícios de figuras humanas ou outro tipo ornamental.

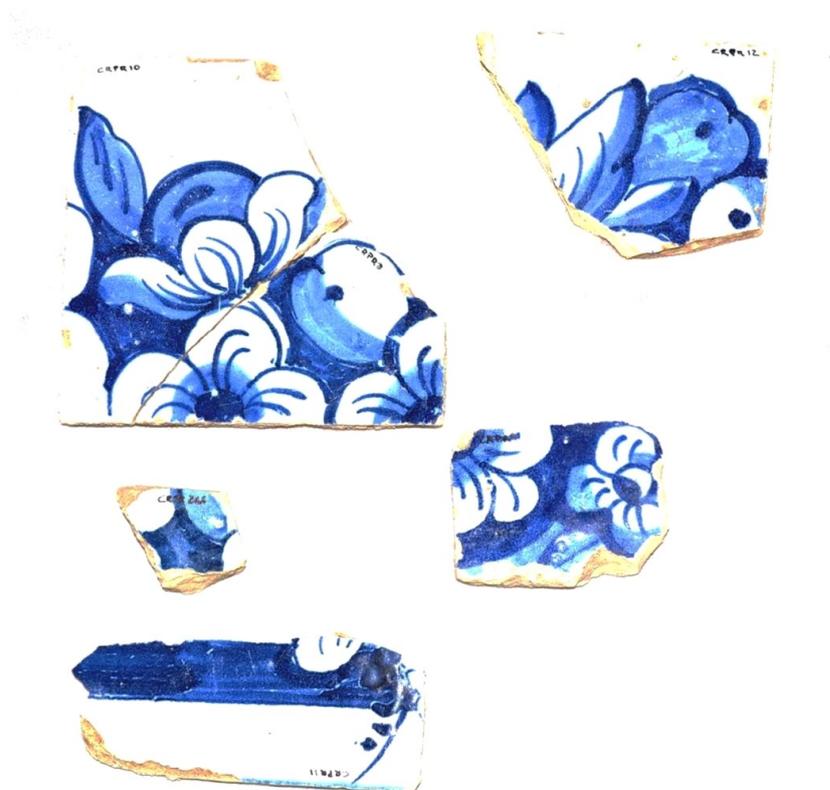


Imagem 3 – Fragmentos de azulejo do Painei 3

Este tipo de azulejo tornou-se relativamente comum nos finais do séc. XVII, associando-se a potes, vasos e cestos floridos. Em alguns casos repetiam-se continuamente, tendo sido designados por Albarradas (Meco, J. 1992). No caso em concreto o número de fragmentos registados foi muito diminuto podendo revelar somente uma pequena composição, presente possivelmente em algum nicho ou por baixo de um altar.

3.3 Painei 4

Azulejo pintado em azul sobre branco, sobre chacota de 13mm, representando uma história ou episódio religioso, composto por moldura ornamentada, com elementos arquitetónicos decorados, elementos vegetalistas, ornamentos em forma de voluta, motivos florais e figuras humanas e celestes (querubins). Apresenta uma técnica apurada com desenho bem delineado.

Neste mesmo painei anotamos a presença de elementos paisagísticos com fundos montanhosos e vegetação. Tal situação é facilmente visível na imagem 4, onde podemos verificar uma nuvem branca, debruada a azul, com o céu em tons de azul esbatido e a traçologia de uma ave, a voar, com as asas abertas.

Pela análise podemos verificar que o painei representa alguma situação, evento ou temática que se regista no exterior.





Imagem 4 – Azulejo com parte de uma paisagem de fundo onde se observam aves no céu.

Deste painel, destaca-se ainda uma representação humana e alguns querubins.

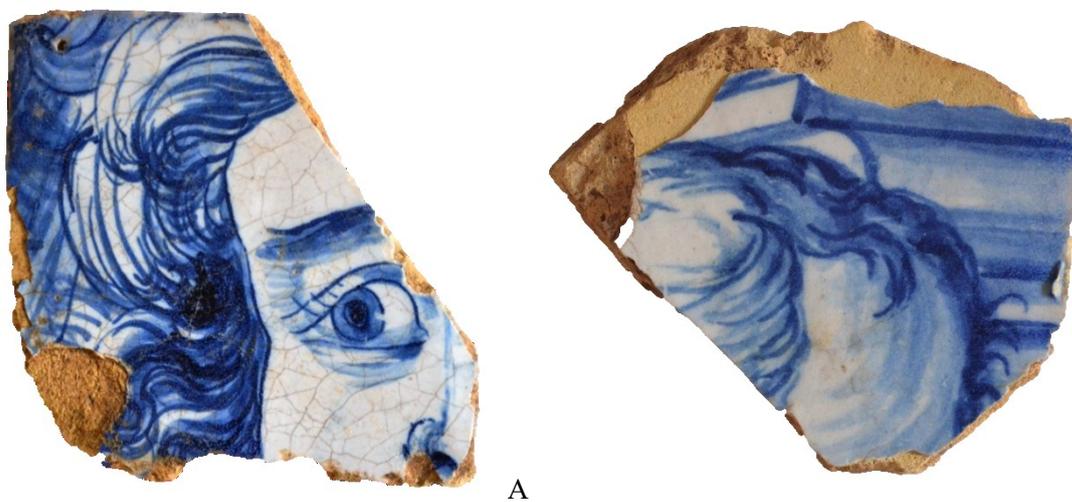


Imagem 5 – Dois fragmentos associados ao Painel 4 onde se vislumbram o que parece ser á esquerda A, uma face humana e á direita B, a testa de um querubim.



Assim, na imagem 5 é possível verificar no fragmento A uma figura aparentemente masculina, com cabelos ondulados de comprimento possivelmente pelos ombros, a olhar para a direita do painel.

O fragmento B mostra a testa alta de um querubim, com cabelos semi-ondulados. Este estaria localizado junto a uma coluna, que enquadraria o motivo principal e encontra-se virado para a esquerda.

Consideramos que o fragmento A estaria próximo ao centro do painel e o elemento B na extremidade superior esquerda do mesmo.

A dimensão da face do elemento A, podendo ser uma face humana, ocuparia cerca de 4 azulejos, devendo ser considerada como uma das representações principais ou elemento representativo do motivo explanado no azulejo.

Neste mesmo painel percebemos ainda outros dois elementos de face (imagem 6). O elemento A possui um olhar introvertido, dirigido para baixo e apresenta cabelo ondulado. O fragmento B apresenta uma face relativamente completa, de um indivíduo masculino, corpulento e cabeleira mediana. Encontra-se a olhar para a direita.

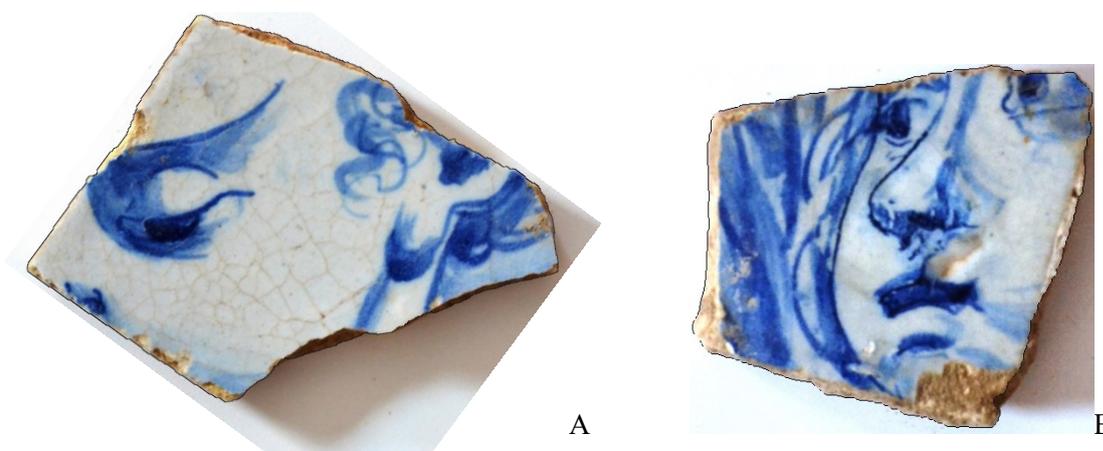


Imagem 6 - Figuras humanas do painel 4

Por todo o conjunto consideramos que a temática do painel é claramente religiosa, possuindo pelo menos 4 figuras, sendo uma delas claramente querubina.

Não se registrou nenhum fragmento que evidenciasse qualquer armamento, como é relativamente comum nos painéis do Hospital Termal das Caldas da Rainha, que se localiza na região (Machado, 1987).



Entre os diferentes fragmentos percebemos a indumentária, sem determinação clara do estatuto ou profissão, mas relevando aparentemente uma veste cumprida, e um sapato arredondado, com um laço (imagem 7).

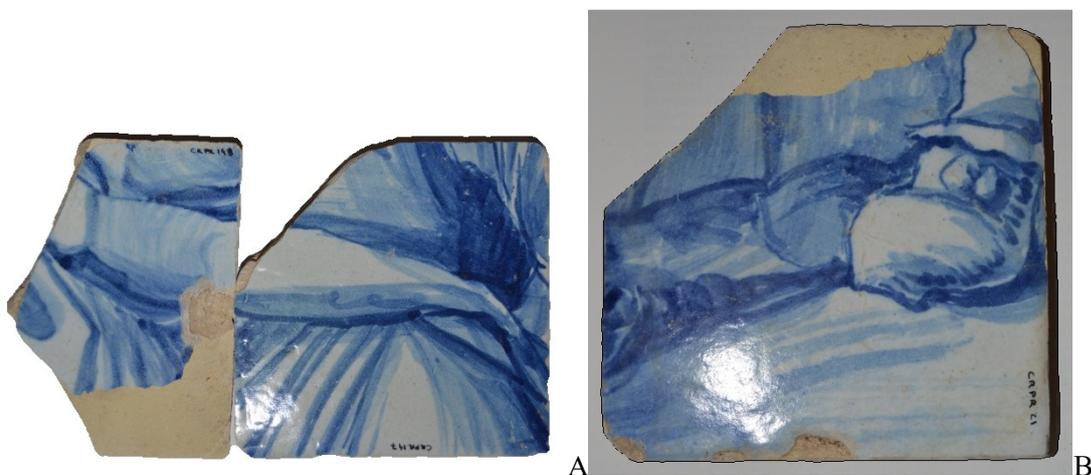


Imagem 7 – Indumentária do painel 4

Pertencente a este painel observamos uma pequena mão, com o dedo mindinho levantado.

Ao painel 4 associamos ainda, devido a semelhança dimensional e de material das chacotas, cinco fragmentos de moldura de tapetes azulejares em azul e branco, pintados com flores de acanto.



Imagem 8 – Moldura de tapetes 4.

3.4 Painel 5



REVISTA
MEMORARE

UNISUL
UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SUL DE BRASÍLIA
www.portaldeperiodicos.unisul.br
ISSN 2358-0593

Painel pintado em azul sobre branco, sobre chacota de 11mm, representando uma história ou episódio religioso emoldurado numa moldura com ornamentação muito rica composta por elementos vegetalistas de gosto barroco.

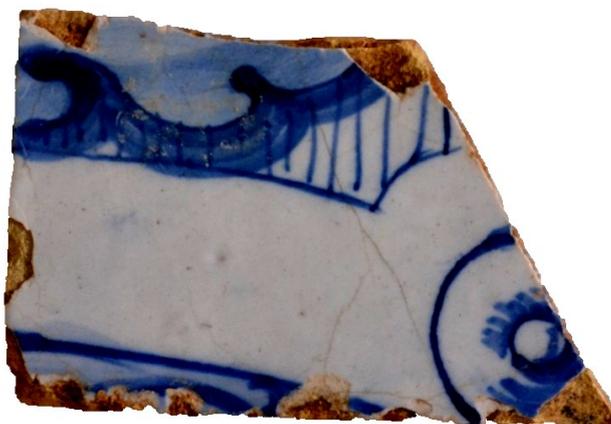


Imagem 9 – Fragmento de azulejo do painel 5, representando parte de um ornamento decorativo.



Imagem 10 – Fragmento do painel 5, representando um ornamento decorativo com um elemento vegetalista.

3.5 Painel 6



REVISTA
MEMORARE

 **UNISUL**
UNIVERSIDADE NOROCCIDENTAL DO SUL
www.portaldeperiodicos.unisul.br
ISSN 2358-0593

Revista Memorare, Tubarão, v. 4, n. 3 esp. dossiê Marcas da Memória: direitos humanos, justiça de transição e anistia, p. 182-208 set./dez. 2017. ISSN: 2358-0593

O painel pintado em azul sobre branco, sobre chacota de 10mm, representando uma história ou episódio religioso, limitado por moldura composta por elementos arquitetônicos ornamentados com elementos vegetalistas.

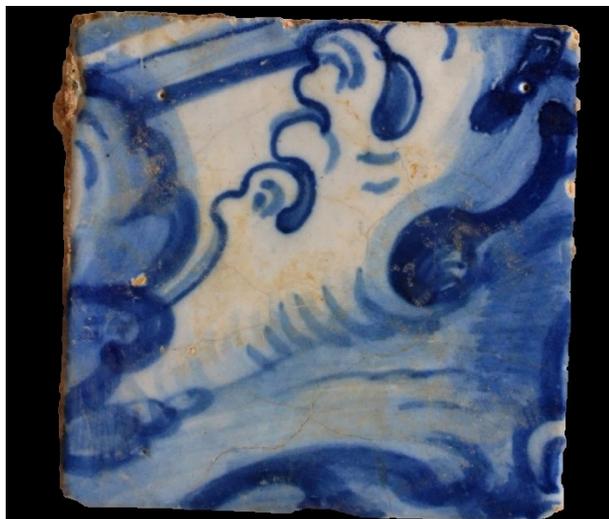


Imagem 11 – Azulejo do painel 6 onde se observa uma folha de acanto de gosto barroco.

Deste painel temos a presença de um querubim, provavelmente localizado no topo central do painel. A figura apresenta uma testa alta, cabelo encaracolado pelos ombros e um olhar rebaixado dirigido para baixo.



Imagem 12 – Metade de uma face de um querubim.



São poucos os elementos que se puderam identificar neste painel, entre eles destacamos a representação de uma mão.



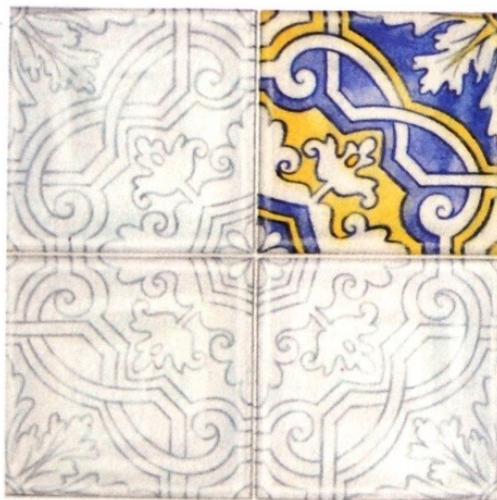
Imagem 13 – Representação de mão do painel 6

3.6 Painel 7

Painel padrão 2x2, pintado em azul e amarelo sobre branco, decorado com motivos geométricos e ornamentos de gosto manuelino denominado de “Ferronerias” (imagem 14).



A



B



Imagem 14 –À esquerda o azulejo de Painele padrão com elementos maneiristas “ferroneries” e à direita a montagem do padrão (Simões 1997:33)

Apresenta uma técnica pouco apurada e defeituosa, onde observa-se uma mão pouco treinada para a pintura, bem como a sobreposição da cor amarela sobre a azul. E o todo foram identificados 17 fragmentos deste padrão.

Este tipo de decoração é atribuído ao período manuelino, cronologicamente integrado no século XVII (Simões, 1997), podendo ser encontrados exemplares idênticos na Igreja de Santa Maria dos Olivais, em Tomar.

No catálogo dos Azulejos do Hospital Termal das Caldas da Rainha registrou-se exemplares semelhantes, na Enfermaria do Hospital de Nossa Senhora do Pópulo, com uma dimensão de 13,8 mm, datado de 1659 (Machado, 1987). Exemplares são também reconhecidos na Igreja de Nossa Senhora da Luz (A. dos Cunhados).

3.7 Painele 8

Conjunto de azulejos pintados em azul sobre branco, com técnica de salpico, onde se cria um efeito de marmoreado fingido.

Do conjunto sobressaem alguns fragmentos de cerâmica em forma de paralelepípedo, com o interior escavado que serviam para rematar os cantos, geralmente aplicados nas mesas dos frontais de altar (imagem 7) (Simões 1997:211-221).

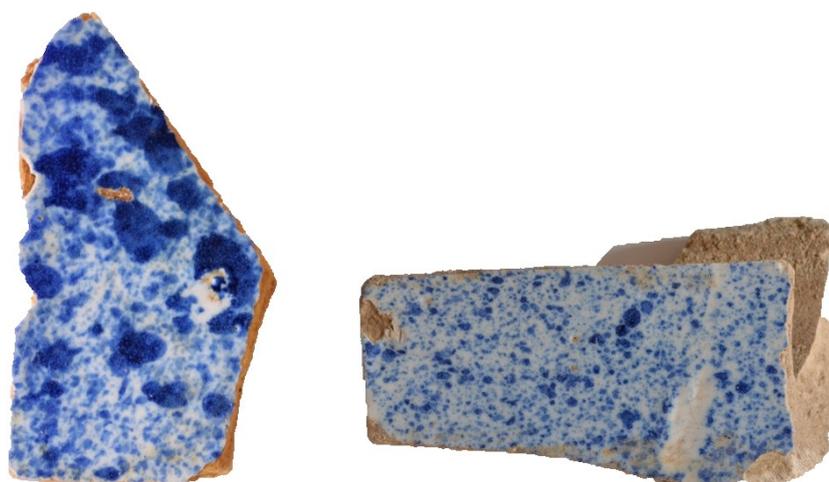


Imagem 15 – À esquerda um fragmento de azulejo de marmoreado fingido e à direita um fragmento de remate de frontal de um altar.

4 Considerações Finais

Dos artefatos analisados foi possível aferir as seguintes conclusões:

Dos 435 fragmentos de azulejos verificaram-se a presença de, pelo menos, 8 painéis diferentes, sendo 4 deles figurativos.

Devido à elevada fragmentação não foi possível reconstruir os painéis ou identificar os temas ou episódios pintados.

Nos painéis figurativos 4 e 6 foram verificadas caras de personagens e querubins, reforçando a ideia de os azulejos pertencerem a conjuntos cenográficos religiosos.

Dos restantes painéis, destacamos quatro fragmentos de azulejo retangular de vidrado azul simples (imagem 1) e dois azulejos retangulares de vidrado branco e um quadrangular de vidrado azul que se enquadram nos padrões enxaquetados dos séculos XVI/XVII (imagem 2).

Integrado no século XVII é o painel de gosto manuelino, tipo *Ferronerias*, bem como dois conjuntos de azulejos de moldura pintados de azul e amarelo sobre branco com o formato e decoração diferente. Ambos podem pertencer ao Painel 8 pela correspondência da chacota, não excluindo a possibilidade de poderem ser molduras de painéis diferentes.

Foi ainda identificado outro grupo azulejar composto por cinco fragmentos de azulejos decorados com marmoreados fingidos de azul sobre branco e cinco fragmentos de remate dos frontais de altar com a mesma técnica decorativa que decorariam possivelmente as mesas de altar da antiga Igreja.

Esta análise permite concluir que na altura da demolição da capela, a mesma seria decorada com painéis figurativos, que de acordo com analogias estariam localizados nas paredes principais da capela, um deles de possível maior dimensão, pela grande diferença percentual de fragmentos existentes.

As áreas inferiores ou mais baixas poderiam ter azulejos de padrões mais simples ou os tais *Ferronerias*, podendo estes ocupar áreas menos centrais da capela.



Pelo nome da Igreja e época dos azulejos poderíamos colocar hipóteses de associação dos painéis com temáticas religiosas ligadas ao culto da N^a Sr.^a do Rosário, no entanto não há nenhum elemento figurativo, nos azulejos, que nos leve historicamente a essa associação.

Numa análise de relação destes vestígios com os outros exumados das sondagens salientamos a presença de duas moedas em cobre, únicas recolhidas. Sabemos que durante o período de vigência da Igreja era relativamente comum enterrar os defuntos no interior do edifício, no adro e nos terrenos envolventes. Foi somente com o governo de Costa Cabral, após 1845, que passaram a enterrar os indivíduos em cemitérios. Juntamente com os defuntos era também comum associar moedas para pagamento do barqueiro que conduziria o mesmo ao paraíso. Esta situação poderia explicar a presença de moedas. No entanto, estas, os únicos exemplares registados, e que foram recolhidos em associação com vestígios osteológicos, em sedimentos muito revolvidos, foram cunhadas no tempo de D. Manuel, apontando uma cronologia anterior à construção da capela de N^a Sr.^a de Rosário. Este fato leva-nos a considerar duas possibilidades: ou a construção da capela veio substituir um outro edifício ou estrutura de culto mais antiga ou foram usadas como elementos significantes simbólicos, em enterramentos cronologicamente posteriores ao tempo da sua cunhagem. Entre estas duas possibilidades parece-nos ser mais pertinente a primeira opção, não havendo, no entanto, outros vestígios que possam confirmar tal situação. Na verdade, nas sondagens realizadas não foi possível registar nenhuma estrutura evidente que permitisse uma compreensão da arquitetura e efetiva localização da igreja. Todos os sedimentos da área escavada tinham já sofrido anteriores revolvimentos das construções, alterações e reformas realizadas na Praça, ao longo das últimas décadas.

Referências

ASSUNÇÃO, Ana Paula, **Fábrica de Louça de Sacavém: Contribuição para o estudo da indústria cerâmica em Portugal 1856-1974**. Lisboa: Inapa, 1997.

BORGES, Nicolau, **Notícias interessantes da Real Villa das Caldas**, com alguns mappas curiozos, no anno de 1797 e 1798. Ed. PH, Caldas da Rainha 2002.

CORREIA, V. Gonçalves, A. N., & SANTOS, Reynaldo. **Inventário Artístico de Portugal. “Cidade de Coimbra”**. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes 1947.



REVISTA
MEMORARE

 UNISUL
www.portaldeperiodicos.unisul.br
ISSN 2358-0593

Revista Memorare, Tubarão, v. 4, n. 3 esp. dossiê Marcas da Memória: direitos humanos, justiça de transição e anistia, p. 182-208 set./dez. 2017. ISSN: 2358-0593

CORREIA, V. **Uma Visão Quinhentista do Mosteiro de Santa Cruz**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 1930.

DUARTE, Miguel Nuno Serieiro, **Uma vila que gravita em redor de uma instituição assistencial - A recuperação do património urbanístico do Hospital das Caldas até 1533**. (Vol.1) - Universidade Aberta, Lisboa, 2008.

GOMES, Jim Robert P. **Exemplos da Azulejaria dos Séculos XVI e XVII, em Coimbra**. Dissertação de Mestrado em História da Arte, Património e Turismo Cultural, especialidade em Azulejaria, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sob a orientação do Professor Doutor António Filipe Pimentel. Policopiada, 2011.

HERIQUE, Paulo; e ALMEIDA, Ana; e PAIS, Alexandre; e LOUREIRO, Fátima; e MONTEIRO, João, Museu Nacional do Azulejo. **Roteiro**, Instituto Português dos Museus, Edições ASA, Lisboa, 2003.

HORTA, Cristina Ramos, **As artes nas Caldas da Rainha no século XVIII**, Terra de Águas - Caldas da Rainha História e Cultura - Caldas da Rainha, 1993.

MACHADO, J. S., **Azulejos do Hospital Termal das Caldas da Rainha: séculos XVI-XVII**, Instituto Português do Património Cultural, Museu de José Malhoa, Caldas da Rainha, 1987.

Meco, J. Azulejaria Portuguesa. Lisboa: Bertarnd. 1992. REIS, Pedro Batalha, **Cartilha da Numismática Portuguesa** Vol. 1, Bertrand Lda., Lisboa, 1952.

S. PAULO, Jorge de. **O Hospital das Caldas até ao ano de 1656**. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1967.

SIMAS, Filomena; e ISIDRO, Sónia, **Dicionário de Marcas de Faiança e Porcelana Portuguesas**, Estar Editora, Lisboa, 1996.

SIMÕES, J. M. Dos Santos, **Azulejaria em Portugal no Século XVII**, Tomo I – Tipologia, (2ª edição revista e atualizada), Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1997.

Submetido em: 21/03/2017. Aprovado em 20/10/2017.

